



## **Reflexões na mediação da coleção do Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande – ensinar através de objetos museais**

*Reflections in the mediation of the collection of the Museum of Anatomy Prof. Nuno Grande - teaching through museum objects*

Inês Vedes<sup>1</sup>

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

### **Resumo**

Os museus universitários e as suas coleções, por estarem inseridos numa atmosfera de ensino, aprendizagem e investigação, constituem-se como excelentes recursos de educação para a comunidade académica. O presente artigo apresenta uma pesquisa sustentada no estudo das origens dos museus universitários observados como lugares de produção de conhecimento e de convergência de saberes científicos. Baseado numa abordagem qualitativa de investigação em educação, procuro compreender como os museus universitários têm estabelecido condições pedagógicas dos objetos da coleção, analisando questões relacionadas com a mediação de objetos museais, focando de modo particular, o Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS-UP).

**Palavras-chave** museu universitário, coleção, educação, objetos museais

### **Abstract**

University museums and their collections, as they are embedded in an atmosphere of teaching, learning and research, are excellent educational resources for the academic community. The article presents a research supported by the study of the origins of the university museums observed as places of production and convergence of scientific knowledge. Based on a qualitative approach to research in education, I try to understand how university museums have established pedagogical conditions of collection objects, analyzing issues related to the mediation of museum objects, focusing in particular on the Museum of Anatomy Prof. Nuno Grande of the Abel Salazar Institute of Biomedical Sciences at the University of Porto (ICBAS-UP).

**Keywords:** university museum, collection, education, museum objects.

Enviado em: 28/03/19 - Aprovado em: 08/05/19

## **Introdução**

O artigo analisa questões relacionadas com a ação educativa de um museu universitário e está organizado em três problemáticas: a natureza dos museus universitários; seguidamente é abordada, a especificidade dos museus de medicina e de anatomia, com o caso particular do Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS-UP); e para finalizar é feita uma reflexão que procura compreender como os objetos da coleção do estudo de caso são utilizados por estudantes no campo da educação.

Deste modo, considero pertinente discutir os desafios, contributos e tensões presentes na natureza dos museus universitários procurando desenvolver uma discussão assente na função educativa destes museus, apresentando como epítome o Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS-UP), uma vez que a coleção de anatomia do museu atua como um complemento essencial de estudo e investigação para estudantes e investigadores.

## **Natureza dos museus universitários**

É notório que as coleções pedagógicas e as universidades têm uma ligação natural. Através de alguma pesquisa bibliográfica, é perceptível entender que a relação entre a coleção e a universidade se manifesta na era medieval, onde a tipologia de museu universitário se desenvolve por meio da necessidade de ensino, e as coleções eram utilizadas no âmbito do estudo e da investigação nas mais diversas áreas como a história natural, as ciências e a arqueologia. Segundo Bragança Gil (1988), os primórdios dos Museus de História Natural surgem no século XVI, a partir da revolução cultural do Renascimento, momento no qual se iniciam a construir coleções que contribuíram para a formação destes museus.

O ato de colecionar é uma prática com uma história antiga, exemplo disso são os gabinetes de curiosidade ou *Wunderkammern*, antecessores de museus de arte e de história natural, no qual a maioria destes gabinetes consistia numa pluralidade de objetos raros, surpreendentes e curiosos dispostos de forma desorganizada, colecionados a partir dos séculos XVI e XVII. Sir Hans Sloane, colecionador irlandês, reuniu um dos maiores gabinetes de curiosidade, e muitas dos objetos da sua enorme coleção, constituída por pinturas, gravuras, manuscritos, assim como as peças que originaram o núcleo de história natural do museu, contribuíram para a formação do Museu Britânico, em 1753. No século XVIII, os gabinetes de curiosidade caíram em desuso, tendo desaparecido no século XIX, o que contribuiu para o início da formação de museus e coleções privadas.

No entanto, quando pensamos que a história da constituição dos museus no sentido moderno da expressão remonta ao surgimento das universidades europeias, é pertinente fazer uma abordagem ao *Ashmolean Museum* fundado no século XVII, a partir de coleções de história natural da família Tradescant, doadas posteriormente, a Elias Ashmole à Universidade de Oxford. Ainda antes de 1683, e mesmo antes de se afirmar como uma organização de carácter permanente, aberta ao público constituída por uma sala de exposição de objetos raros e curiosos, um laboratório de química e uma escola de história natural composta por salas de demonstrações de objetos (MACGREGOR, 2001) algumas coleções de outras universidades eram motivo de visita do público. Considerado no período moderno, como o primeiro museu universitário, o legado do *Ashmolean Museum* foi, portanto o seu contributo na definição atual de museu como instituição permanente que apresenta como questões centrais: o estudo, a preservação e a visita às coleções de história natural e antiguidades (LOURENÇO, 2005).

A partir do século XVII, e devido ao crescente interesse que o estudo da ciência alcançou neste período, é criado pelas universidades, museus e coleções que se constituíram como um complemento essencial ao ensino, maioritariamente, com objetos relacionadas à história natural.

Tal como na Europa e na América se desenvolveram os primeiros museus universitários de história natural no século XVII, em Portugal foi seguido o mesmo exemplo, e é criado em 1772, no Palácio da Ajuda, o Gabinete Real para a educação dos filhos da Rainha D. Maria I, formado por um jardim botânico e um gabinete de física. Nesse mesmo ano, e fruto da Reforma Pombalina da Universidade nasce o Gabinete de História Natural da Universidade de Coimbra utilizado no ensino experimental pelos estudantes da Faculdade de Philosophia<sup>1</sup>. Este museu, contrariamente ao Gabinete Real, ao ter desde a sua fundação, a peculiaridade universitária, assume-se como o museu que definiu os princípios para o ensino e investigação científica moderna em Portugal.

Um museu universitário sendo uma instituição que depende de modo parcial ou total sob a tutela de uma universidade, uma organização que promove uma disseminação do conhecimento científico através de tipologias distintas que caracterizam as coleções, nem sempre poderão ser considerados museus universitários, por não obedecerem ao significado da expressão criada pelo *International Council of Museums (ICOM)*, “o museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite”<sup>2</sup>. Frequentemente constituem-se como coleções universitárias,

---

<sup>1</sup> Ver <<http://www.museudaciencia.org/index.php?module=content&option=museum>>

<sup>2</sup> Ver <<http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>>

abertas ao público em geral, ou de acesso restrito para estudantes e investigadores, instaladas em laboratórios, bibliotecas ou salas da universidade (FERRIOT; LOURENÇO, 2004), que podem ser subdivididas em quatro categorias: coleções de investigação, coleções de ensino, coleções históricas de ensino e investigação e coleções da história da universidade. Prática bastante comum a partir do século XVIII até ao século XX, alcançando o seu auge no final do século XIX, a importância do manuseamento de objetos na universidade, a que os autores de língua inglesa denominam por *hands-on*, constitui-se uma mais-valia pedagógica uma vez que proporciona uma interpretação e leitura através da presença física das peças que compõem a coleção (RUSSEL, 1994). Assim, a educação assume-se como o principal objetivo dos museus, uma vez que o processo de aprendizagem acontece a partir da relação que o público estabelece com a coleção.

No contexto de um museu universitário, este apresenta como missão a conservação, investigação e divulgação das suas coleções relacionadas ao ensino e à investigação desenvolvidas na universidade, no qual esta questão educativa assume ainda uma maior relevância, por estar inserido numa atmosfera de ensino-aprendizagem. A coleção deve ser constituída por um repositório de material utilizado frequentemente nas aulas para fins didáticos, mais do que ser observada como uma reunião “de peças com história”, de modo a provocar a descoberta e a exploração. A aprendizagem deve, portanto, permitir que cada indivíduo se assuma como um sujeito crítico, exigente, que participe na construção do seu próprio conhecimento e na partilha de ideias, e não num espectador passivo, sem concepção das suas próprias narrativas e significados (RANCIÈRE, 2010).

Deste modo, é possível afirmar que, mais do que um museu nacional ou municipal, o museu universitário deve ser considerado um *teaching and learning museum*, pois o vínculo existente, com o contexto de ensino e aprendizagem, constitui o museu como um lugar de excelência por proporcionar um contacto direto com as dinâmicas da comunidade e com o desenvolvimento e planeamento de atividades que contribuem para o pensamento crítico e a aprendizagem (MALONEY; HILL, 2016). É perceptível atualmente, que o museu se afirma dentro da universidade como um espaço de excelência preocupado com o ensino e a aprendizagem, no entanto, a universidade e o museu ocupam um espaço partilhado no campo da educação formal e informal onde a mentalidade patente em torno de um *teaching museum* alcança no presente, uma maior relevância. É portanto, um museu centrado no currículo, um museu interdisciplinar, um espaço que promove, por meio do contato com objetos, o pensamento crítico provocando uma reflexão visual das peças da coleção.

No que concerne ao conceito de mediação, a expressão provém do latim “mediare” que significa intervir, ou dito de outro modo, procura de modo pacífico, resolver divergências entre duas ou mais partes. Nos anos 1970, este espaço do “situar-se entre” denominado

por mediação cultural, alcançou na Europa uma importância política e social, demonstrada pelo desenvolvimento de programas de atividades pedagógicas (LAMIZET, 2000).

No quadro museológico, a mediação surge em resposta às necessidades que o museu enquanto espaço democrático aberto à comunidade, deve proporcionar uma aquisição de conhecimento através de novos modos de comunicação para o público, favorável ao desenvolvimento da participação e criatividade. Ao promover ao público este acesso à cultura, enquadrada frequentemente, pelos serviços educativos, a mediação cultural contempla modos de intervenção elaborados por diversos profissionais de museus, galerias e teatros, com o objetivo de contribuir para uma maior aproximação entre ambas as partes, ou seja, propõe um encontro e um diálogo entre o público e as peças das coleções. Estratégias de mediação como exposições, catálogos, folhetos e desdobráveis constituem alguns recursos que o museu apresenta, assim como, oficinas, visitas guiadas, palestras e seminários que promovem o diálogo entre o público e as peças de uma determinada coleção. Portanto, não hesito em afirmar que o museu enquanto instituição pública constituída por recursos sociais é inexistente na sociedade, caso não elabore ações educativas, orientadas para públicos especializados, públicos de uma forma geral e também os não públicos, através da incorporação de boas práticas de mediação.

### **Os museus de medicina e de anatomia**

Primeiramente, apresentarei algumas considerações relacionadas com a medicina enquanto ciência analisando no âmbito da denominação de museus de medicina, os museus de anatomia, focando de um modo particular, o caso do Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS-UP). Apesar de não podermos olhar para a história da anatomia sem a história da medicina, importa salientar que nesta pesquisa não aprofundarei questões relacionadas com os museus da história da medicina. No entanto, como ambas estão ligadas desde a antiguidade, torna-se relevante fazer uma breve abordagem desta relação na busca da compreensão da construção de uma identidade, observando tanto os museus da história da medicina como os museus de anatomia como lugares de cultura e memória da própria instituição (NORA, 1993).

Etimologicamente, a expressão “anatomia” significa “cortar”, ou seja, é através do corte, da dissecação do corpo, que se estuda a constituição e estrutura do ser humano sendo a anatomia parte indispensável da educação médica. Segundo Alberti e Hallam (2013) os primórdios das coleções médicas remontam ao final do século XVIII e surgem na confluência de diversos fatores científicos, históricos e culturais, como o desenvolvimento da patologia e anatomia como disciplinas, a regulamentação da educação médica, a

expansão colonial europeia e a divulgação de exposições. É de conhecimento, que grande parte das coleções incorporadas pelas universidades foi constituída antes do surgimento da universidade enquanto instituição, pelo que as coleções médicas não são exceção. Assim, os primeiros museus de anatomia surgem nesse mesmo século em universidades europeias, como o Museu de Anatomia de Montpellier no caso francês e o Museu Hunterian do *Royal College of Surgeons of London* no Reino Unido, onde nos dias atuais, é frequente constatar peças manipuladas em diversos laboratórios entre as quais, representações do corpo humano, modelos anatómicos com reproduções do sistema nervoso central e do sistema nervoso periférico, preparações anatómicas dos sistemas de órgãos do corpo humano, assim como representações do sistema ósseo com coleções de esqueletos, crânios humanos e de animais e espécimes acondicionados que permitem uma aproximação da sua aparência original, provenientes de indigentes e de corpos de utentes dos hospitais (ALBERTI, 2005). Geralmente com estas representações saudáveis estão integradas alguns tipos de patologias nas coleções como anomalias anatómicas e deformações (DIAS, 1992).

Por outro lado, e mais recentemente surgem no século XX, os museus da história da medicina, que contrariamente dos museus de anatomia, revisitam por meio das suas coleções, os diferentes períodos da história desta ciência através de instrumentos, aparelhos e equipamentos médicos e cirúrgicos, assim como, desenhos, fotografias, iconografias e livros raros doados em grande medida por professores de medicina e médicos de hospitais e laboratórios, contribuindo para alargar o conhecimento deste património médico por meio do avanço da história das ciências médicas. Através da evolução da história da medicina, muitos destes objetos obsoletos não são usados atualmente nas práticas médicas, porém a utilização de equipamentos tecnológicos e inovadores, auxiliados frequentemente, por fotografias e filmes, surgem como um complemento na formação de novos médicos, assim como no caso dos museus de anatomia, que são utilizados os objetos mais antigos na construção de exposições de modelos anatómicos, contribuindo para uma maior valorização, conhecimento e estudo de algumas peças da coleção.

Neste sentido, é relevante mencionar alguns museus de história da medicina e museus de anatomia em contexto português. A Universidade de Lisboa possui um Museu de Medicina desde 2005, que é sobretudo utilizado no ensino e investigação, sendo bastante ativo pelas exposições temporárias que desenvolve em torno da temática do diálogo patente entre a arte e a ciência. Muitas das peças do museu pertencem aos séculos XIX e XX e são provenientes da antiga Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, fundada em 1836.

O Museu de História da Medicina Maximiano Lemos da Universidade do Porto surge em 1933, e proporciona aos futuros médicos conhecimentos essenciais à identificação de

objetos médicos e formação sobre a evolução da história da medicina. Aos estudantes é ainda facultada, a oportunidade de participarem em investigações em curso desenvolvidas pelo museu, nomeadamente, na organização e visita das exposições.

Em Portugal, os museus de anatomia tal como os museus de história da medicina funcionam dentro das instituições universitárias da área da medicina e os principais espaços museológicos localizam-se em Lisboa, Coimbra e Porto. Em Lisboa, a coleção de anatomia do século XVIII está integrada no Museu da Medicina da Universidade de Lisboa, não existindo, porém, um museu de anatomia.

O Museu de Anatomia Patológica fica situado na Faculdade da Medicina da Universidade de Coimbra e remonta ao século XIX, no entanto a incorporação de peças na coleção surge apenas no século XX. Os estudantes participam regularmente neste espaço museológico tanto em sessões de estudo como na catalogação das peças da coleção.

Na cidade do Porto, há a existência de dois museus universitários de anatomia. Emerge em 1825, o Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Localizado inicialmente nas antigas instalações da Real Escola de Cirurgia, a coleção foi sendo enriquecida ao longo dos anos, fruto de doações de docentes, e atualmente, possui um acervo de centenas de peças que proporciona uma revisitação à história da anatomia dos últimos 150 anos. À semelhança do Museu de Anatomia Patológica da Universidade de Coimbra, este museu é utilizado por futuros médicos para fins de ensino e investigação científica.

O Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande é o museu do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS-UP) localizado no interior do Departamento de Anatomia. Professor Nuno Grande, figura incontornável do ICBAS e da Universidade do Porto, cria a escola médica do Porto em 1975, juntamente com personalidades médicas como Corino de Andrade e com o apoio do Reitor Ruy Luís Gomes, uma instituição universitária portuguesa singular devido ao ensino da Medicina ser desenvolvido em cooperação com ensinamentos de outros cursos de ensino superior da área da Biomedicina. O Instituto foi construído com o intuito de ser uma escola multidisciplinar e multiprofissional direcionada para o ensino das Ciências da Saúde e da Vida, inspirado na ideologia de Abel Salazar, médico, professor e artista plástico, e foi proposto o nome para patrono da escola adoptando o lema do instituto “um médico que só sabe Medicina nem Medicina sabe”, filosofia praticada por toda a comunidade académica ICBAS-UP.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Ver <[https://sigarra.up.pt/icbas/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=historial](https://sigarra.up.pt/icbas/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=historial)>

## **O contributo da coleção na educação – o caso do Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande**

Dentro da pluralidade de instituições museais que existem ao serviço da sociedade, os museus universitários, não são exceção a regra, e apresentam como missão a preservação e valorização dos seus acervos com o intuito de salvaguardar o património cultural e científico. Porém, mais do que funções relacionadas com a conservação da coleção, os museus universitários ao permanecerem dentro de uma atmosfera de ensino-aprendizagem, apresentam a questão da educação como principal inquietação, sendo portanto, excelentes instrumentos de ensino destinados ao uso experimental de objetos por estudantes e investigadores. Assim, quando refletimos sobre a genealogia das coleções e sua relação com a educação torna-se perceptível, que a utilização de objetos no ensino e investigação, maioritariamente de História Natural e Medicina, nasce nas universidades, tornando-se as coleções universitárias, precursoras dos museus universitários.

As raízes do colecionismo remontam ao século XVI na Europa, prática bastante comum no seio da elite na qual diversos objetos eram colecionados apenas por aristocratas e membros da realeza, sendo restrita a classes sociais mais baixas. Philipp Blom (2005) defende que o hábito de colecionar objetos ao se constituir a partir de fundamentos históricos e culturais demonstrava uma determinada posição de conhecimento e prestígio perante a sociedade. Todavia, foi por meio da proliferação do comércio e a ânsia de descobrir novos continentes na procura de objetos raros e curiosos que a prática do colecionismo evoluiu, e ainda no século XVI, o ato de colecionar, é igualmente desenvolvido por classes de menor poder social.

Historicamente, as coleções orientadas para o ensino da medicina foram as primeiras coleções organizadas de um modo adequado e rigoroso, coleções essas que contribuíam para o prestígio e reconhecimento das universidades. A partir de finais do século XVI, estas coleções relacionadas com os Teatros Anatómicos começam por se constituir não apenas em Itália, mas também na Holanda, na cidade de Leiden. Exemplos disso são o *Theatrum Anatomicum*, considerado o primeiro Teatro Anatómico situado em Pádua, no ano de 1594 e o *Hortus Medicus*, jardins botânicos com diversas plantas medicinais e exóticas, fundados em Pádua e Piza em 1540 (LOURENÇO, 2005).

Criado oficialmente em 1977, o Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS-UP) surge oficialmente pelas mãos do Prof. Nuno Grande ao contribuir por meio da constituição de uma primeira peça na formação da coleção (Figura 01). Posteriormente, à incorporação desta peça anatómica, houve um progressivo crescimento na seleção de novos elementos que compõem atualmente a



coleção, sendo a dissecação da grande maioria destas peças anatómicas ter decorrido sob a orientação do Prof. Nuno Grande.

Apesar das coleções que se encontram muito ligadas ao ensino médico serem sobretudo utilizadas por estudantes e investigadores (BOYLAN, 1999), existe também a preocupação deste museu universitário estar aberto ao público em geral com visitas de escolas de ensino secundário com um limite de 20 pessoas por grupo, assim como, a estudantes do campo das ciências e das artes.



**Figura 01.** Estrutura anatómica de recém-nascido, Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Fotografia de Inês Vedes, 2017 ©

Peças anatómicas, esqueletos, órgãos humanos e de animais compõem a coleção do museu e são alvo de estudo essencialmente por parte de estudantes dos cursos de Medicina, Medicina Veterinária e Ciências do Meio Aquático assim como, Bioquímica e Bioengenharia. Segundo Artur Águas, Diretor do Departamento de Anatomia, no caso particular dos estudantes de Medicina nos dois primeiros anos do curso frequentam o museu anatómico no âmbito das disciplinas Anatomia Sistemática I, Anatomia Sistemática II, Neuroanatomia e Anatomia Clínica. É portanto, proporcionado um ensino mais prático, mais interessante e mais eficaz, que os estudantes têm acesso através do contato com peças que foram dissecadas para fins específicos, considerando o espaço museal como um complemento

essencial ao estudo da anatomia. Artur Águas sublinha ainda, que através do acervo patente no museu anatómico, é evidente uma maior proximidade dos estudantes com o estudo, que é inexistente quando apenas são confrontados com o apoio dos livros, pois a coleção possui uma grande diversidade de peças de anatomia humana, peças de animais terrestres e aquáticos conservados em diferentes técnicas de conservação.

O Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande não é um museu qualquer, procura ser um museu atualizado e foi criado para os estudantes e investigadores ICBAS-UP. Duarte Monteiro, anatomista e responsável pelas visitas ao museu, considera que este espaço é “um grande atlas aberto”, e um “teatro anatómico”, uma vez que é diariamente preenchido com a presença dos estudantes em sessões práticas da compreensão da anatomia, funcionando o museu como “uma fotografia da investigação” que se desenvolve na instituição médica. O responsável pelas visitas ao museu integra o ICBAS-UP desde 1977 e, além desta ponte que estabelece com o público do museu, desenvolve também outras atividades, apoiando os professores na preparação de aulas e de peças a serem estudadas pelos alunos no museu e também no serviço de doação de corpos.

Num museu anatómico, o vidro faz a separação entre duas distintas condições, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. O fascínio, o medo e o choque compõem qualquer que seja o museu detentor de peças deste cariz, porém, se num primeiro momento este contato é intrigante, depressa se torna num local onde a imaginação aflora a cada passagem pelos corredores, a partir das histórias e memórias contadas pelo responsável pelas visitas do Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande.

Arrisco afirmar, que Duarte Monteiro é o guardião das peças do Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande. Desenvolve a sua atividade no museu há mais de 40 anos, conjugando duas paixões, a anatomia e a ilustração médica, interesse que surge através de um pedido de ilustração de um livro sobre neuroanatomia pelo professor Mário Marini de Abreu. Desde esse momento, a ilustração médica torna-se recorrente no ICBAS-UP e tem sido utilizada em publicações de livros, teses de doutoramento e mestrado, manuais de estudo e artigos de investigação desenvolvidos por estudantes e investigadores (ICBAS, 2012).

Autor no processo de dissecação de algumas peças que compõem a coleção ao serviço da comunidade académica, como é o caso de um golfinho morto encontrado por Duarte Monteiro numa praia em 1980 (Figura 02) assim como, um corpo de um bebé recém-nascido em corte preparado pelo próprio (Figura 03), por estarem conservadas em formol num perfeito estado de conservação, as peças provocam, por vezes, uma sensação de artificialidade a quem as observa e estuda, no entanto, a grande maioria são fruto de doações do corpo destinadas para o ensino e investigação científica dos futuros médicos. Como sublinha o guardião do museu, estas doações obedecem a termos da legislação e

têm de ser manifestadas em vida, e por vontade própria dos cidadãos, que demonstrem interesse em doar o seu corpo para fins de estudo anatómico não havendo relação com a doação de órgãos. A dissecação anatómica dos corpos doados torna-se essencial para o ensino e investigação científica, tanto para a formação de novas gerações de médicos, como para o desenvolvimento de médicos formados, e beneficia a qualidade da medicina praticada pelos profissionais que atuam na área da saúde.



**Figura 02.** Esqueleto de golfinho dissecado por Duarte Monteiro, Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Fotografia de Inês Vedes, 2017 ©



**Figura 03.** Estrutura anatómica de recém-nascido em corte preparado por Duarte Monteiro, Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Fotografia de Inês Vedes, 2017 ©

Para Duarte Monteiro, os alunos do ICBAS-UP são “bastante interessados e empenhados”, o que contribui para a existência de uma relação positiva entre docentes, não docentes e discentes, havendo assim, um espírito de companheirismo e apoio muito grande. Esta cumplicidade entre professores, funcionários e alunos, já era visível, no antigo edifício ICBAS-UP<sup>4</sup>, no entanto, as novas instalações do museu contribuíram para um progressivo desenvolvimento das condições de trabalho e ensino com a utilização frequente da tecnologia e das projeções multimédia na medicina.

No entanto, como evidência, o Diretor do Departamento de Anatomia, Artur Águas, tanto as ilustrações como os textos dos livros e o contato direto com as peças anatómicas do museu são indispensáveis, porque deste modo, os estudantes possuem o conhecimento teórico essencial na observação das peças e analisam não apenas um qualquer membro do corpo no seu todo, mas são igualmente capazes de produzir uma distinção entre os ossos, os músculos, as artérias e as veias, que um leigo muitas vezes, não consegue estabelecer. Os estudantes são avaliados a partir da correta interpretação que efetuam

---

<sup>4</sup> O ICBAS-UP funcionou nas antigas instalações, no Largo do Professor Abel Salazar junto ao Hospital de Santo António até 2011. A nova morada do Instituto fica situada em frente ao Palácio de Cristal.

sobre as peças anatómicas do museu, confrontando o seu conhecimento de anatomia a partir da distinção entre corpos e órgãos saudáveis com a presença de algumas patologias. O método da rotulagem que se distingue por letras, números e as respetivas legendas de cada peça anatómica, é algo que favorece aos estudantes uma melhor compreensão, quer seja de um osso, ou de uma dissecação do corpo humano, no qual os seus conhecimentos são avaliados. Geralmente a numeração é iniciada na parte superior esquerda da peça, que obedece a um movimento circular e que se desenvolve a partir, do sentido dos ponteiros do relógio.

Duarte Monteiro argumenta que o museu de anatomia é, portanto, uma mais-valia para os estudantes e investigadores do ICBAS-UP, pois a coleção constituída por peças de anatomia humana e anatomia animal, membros do corpo humano e animal, peças anatómicas em corte e representações do sistema ósseo, nervoso e circulatório contribuiu para que “a qualidade de ensino que se pratica com este suporte ser muito grande”, assim como através da criação de algumas atividades que promovam um maior contato com a coleção, por parte dos estudantes e investigadores.

O espaço museológico procura ser assim, um espaço que divulga a cultura da comunidade ICBAS-UP, no qual algumas atividades têm sido concebidas pelo museu. Duarte Monteiro salienta que tem vindo a desenvolver um estudo há alguns anos, para que se realize, no âmbito das comemorações da noite europeia dos museus<sup>5</sup>, uma atividade que faça o cruzamento entre a anatomia e a arte, com o objetivo de proporcionar uma viagem ao tempo do Renascimento, momento da história que contribuiu num progresso do estudo na área da anatomia, uma vez que a prática da dissecação era considerada um sacrilégio, no período medieval. Para esta ideia se materializar, é necessário refletir sobre o trabalho de anatomia desenvolvido por Andreas Vesalius, médico e professor de anatomia, fundador da anatomia moderna, considerado o maior anatomista do período do Renascimento e autor do primeiro texto anatómico *De Humanis Corporis Fabrica* que revolucionou a medicina, e deste modo, relacionar esta disciplina com a arte, a partir da obra de Leonardo da Vinci, artista que se propôs a estudar a anatomia humana e se tornou num grande anatomista, sendo portanto o corpo, o ponto fulcral da arte do Renascimento.

O guardião do museu acrescenta ainda, que a ideia parte por ter um grupo de estudantes da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) a desenhar as peças anatómicas do museu e os estudantes do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS-UP) na dissecação de corpos humanos ou animais, em conjugação com sessões de declamação de poemas e música renascentista.

---

<sup>5</sup> Iniciativa criada pelo Ministério Francês da Cultura e da Comunicação para dar ênfase à relevância dos museus na contemporaneidade. O Dia Internacional dos Museus surge pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), com o objetivo de dar visibilidade ao papel que os museus desempenham na sociedade.

Até meados do século XX, as aulas de anatomia eram lecionadas em simultâneo, aos estudantes de Medicina e de Belas-Artes, no entanto, atualmente, e fruto da parceria iniciada em 2013 entre as duas faculdades da Universidade do Porto, os estudantes da Faculdade de Belas Artes deslocam-se há sensivelmente quatro anos até ao Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar acompanhados dos professores de Desenho, para desenvolverem as suas práticas de desenho anatómico, sendo a última exposição “O Corpo Transparente – Desenho no Museu Anatómico: Partilha e Experiências Pedagógicas” realizada em 2017, no Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar. Apesar das aulas de anatomia não serem mais praticadas, em simultâneo, no ensino do século XXI, é importante referir, que o cruzamento de saberes e a troca de experiências pedagógicas permanece através desta iniciativa louvável, tendo lugar ano após ano no Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar (ICBAS-UP).

### **Considerações Finais**

Neste artigo, procurei compreender o papel educativo dos museus universitários, tendo como objeto de estudo, a atuação pedagógica desenvolvida pelo Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS-UP).

Foi perceptível, desde início, que existe uma relação entre os museus universitários e as coleções universitárias, sendo as coleções antecessoras dos museus. A diferença patente entre os museus da história da medicina e os museus de anatomia foi também analisada, tendo sido perceptível que o principal objetivo da história de medicina, é a compreensão da própria medicina, entender o seu desenvolvimento, as suas ideias e as suas direções, reconstruindo o passado através de coleções subordinadas à história da ciência médica por meio de objetos, enquanto, o ato de exploração do estudo da anatomia humana, a sua constituição interna e a compreensão do funcionamento do corpo humano por sistemas nervoso, circulatório e digestivo, assim como, a estrutura óssea e os músculos mais internos como os de superfície, compõem a essência de um museu de anatomia.

Por outro lado, foi feita uma reflexão assente no desenvolvimento da atividade principal do museu universitário, a educação, que procura contribuir para uma produção crescente de conhecimento científico ao divulgar os processos, técnicas e resultados visíveis em estudos e investigações desenvolvidos no Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS-UP). Ao longo do artigo, foi perceptível que a aprendizagem baseada em observações e

demonstrações de objetos da coleção neste museu universitário se afirma como um complemento de ensino formal e não-formal.

No entanto, apesar do Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS-UP) e sua pertinência no contexto educativo ter sido objeto de estudo neste texto, alguns questionamentos surgem no âmbito da tipologia de museus universitários, suas coleções e relação com a educação: Como os museus universitários se distinguem dos outros museus? Como representam a universidade? Como se afirmam enquanto entidades museológicas através das suas coleções? Como as práticas pedagógicas são elaboradas a partir dos objetos das coleções universitárias?

## Referências

ALBERTI, S.J.M.M.; HALLAM, E. **Medical Museums: Past, Present, Future**, London: Royal College of Surgeons, 2013.

ALBERTI, S.J.M.M. Objects and the museum, **Isis**, v. 96, n. 4, p. 559-571, 2005.

BLOM, P. **To have and to hold: an intimate history of collectors and collecting**, The Overlook Press, 2005.

BOYLAN, P.J. University and Museums: Past, Present and Future, **Museum Management and Curatorship**, v.18, n.1, p.43-56, 1999.

BRAGANÇA GIL, F. Museus de Ciência: preparação do futuro, memória do passado, **Revista de Cultura Científica**, Lisboa, v.3, p. 72-89, out, 1988.

DIAS, N. Le corps en vitrine. Eléments d'une recherche sur les collections médicales, **Terrain**, v. 18, p. 72-79, 1992.

FERRIOT, D.; LOURENÇO, M. De l'utilité des musées et collections des universités, **La Lettre de L'OCIM**, v. 93, p. 4-16, 2004.

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR – ICBAS **Revista de Divulgação Científica ICBAS PRESS**, n. 28, Ano V, jan., 2012.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS – ICOM, 2007. Disponível em: <http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>. Acesso em: 29 jan. 2018.

LAMIZET, B. **La médiation culturelle**, L' Harmattan, 2000.

LOURENÇO, M. **Between two worlds: The distinct nature and contemporary significance of university and collections in Europe**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História da Ciência, Conservatoire National des Arts et Métiers, Paris.

Orientadores: Dominique Ferriot, Steven de Clercq. 2005. Disponível em: <http://webpages.fc.ul.pt/~mclourenco/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

MACGREGOR, A. The Ashmolean as a museum of natural history, 1683-1860, **Journal of the History of Collections**, v.13, n. 2, p. 125-144, 2001.

MALONEY, B.; HILL, M.D. Museums and universities: partnerships with lasting impact, **Journal of Museum Education**, v. 41, n. 4, p. 247-249, 2016.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, 10, p. 7-28, dez, 1993.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

RUSSEL, T. The enquiring visitor: usable learning theory for museum contexts, **Journal of Education in Museums**, n.15, 1994.

---

<sup>i</sup> Licenciatura em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2009) e Mestrado em Gestão das Artes e do Património pela London Metropolitan University (2013). Atualmente é doutoranda em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Desde 2009 colabora e desenvolve programas lúdico-pedagógicos no âmbito de serviços educativos em instituições culturais. Em paralelo, desenvolve, atividades de investigação e ensino. Os seus interesses de investigação articulam-se entre história dos museus e coleções, coleções universitárias e colecionismo, educação, museologia e curadoria.

Como citar esse artigo:

VEDES, Inês. Reflexões na mediação da coleção do Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande – ensinar através de objetos museais. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 2, p. 196-211, mai./ago. 2019.